

Política



ABUSO DE PODER ECONÔMICO
TRE-PR marca julgamento de Moro
Tribunal reservou 19/2 para julgar ação que pede cassação do senador



REPÚBLICA DOS ARAPONGAS

FAXINA NA CÚPULA

Lula exonera cinco na Abin, entre eles o 02, e reforça desconfiança dos órgãos de inteligência

EDUARDO GONÇALVES, SARAH TEÓFILA KAROLINI RANDEIRA, PATRÍCIA CAMPOS E FÁBIO CRAVO
Foto: Agência G1

Após a Polícia Federal apontar suspeitas de conluio entre investigados por participação num esquema de monitoramento ilegal na Agência Brasileira de Inteligência e a atual gestão do órgão, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva decidiu fazer mudanças no comando da Abin e exonou o número 2, diretor Alessandro Moretti, além de quatro chefes de departamento. A medida expõe mais uma vez a desconfiança que o petista tem das estruturas de inteligência do governo desde que voltou ao Palácio do Planalto, em janeiro do ano passado.

Os desligamentos foram publicados no Diário Oficial ontem à noite. Moretti será substituído por Marco Capelli, atual diretor da Escola de Inteligência da Abin e homem de confiança do diretor-geral do órgão, Luiz Fernando Corrêa. Ele é considerado um dos principais pesquisadores de inteligência no país e autor de livros sobre o tema.

Embora sempre tenha sido tratado como um nome que traria prestígio junto a Lula, Corrêa sai desgastado do episódio. Causou incômodo entre integrantes do Planalto a postura do diretor-geral da Abin, que teria minimizado o impacto dos desdobramentos da crise. Nesta ala, existe a avaliação de que houve uma tentativa de blindar a Abin — manobra que se mostrou mal-sucedida. A interlocutora, Corrêa chegou a afirmar que "a montanha iria parir um rato".

No mesmo despacho em que dispensou quatro chefes dos departamentos internos da agência, Lula nomeou sete novos diretores, que irão comandar esses departamentos e outras áreas em que havia cadeiras vagas, como a Escola de Inteligência. São servidores da própria Abin.

Os nomes não foram informados, como é praxe no órgão. Esta foi a segunda queda na cúpula da Abin no curso desta investigação. Em outubro do ano passado, foi exonerado Paulo Maurício Fortunato, então número três do órgão de inteligência.

DESCONFIANÇA

Desde que assumiu seu terceiro mandato, Lula deixa claro que não confia plenamente tanto na Abin quanto em membros do Gabinete de Segurança Institucional (GSI) da Presidência, devido ao alinhamento de grande parte de seus integrantes com Bolsonaro.

A situação piorou após os atos golpistas de 8 de janeiro. Até o ministro-chefe do GSI, general Gonçalves Dias, que havia sido nomeado por Lula, caiu após imagens de câmeras de segurança o mostrarem em meio aos golpistas no Planalto, aparentemente sem reação. Interino no comando da Abin, Ricardo Capelli fez uma devassa no órgão e exonerou 87 servidores, entre eles três secretários nacionais.

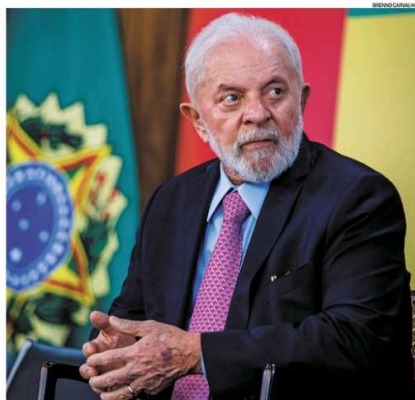
Já em outubro, o governo exonerou o número três da Abin, Paulo Maurício Fortunato, em meio a uma investigação da PF sobre uso de programa espião pela agência. A ferramenta iClique era operada, sem qualquer controle formal de acesso, pela equipe de operações da Abin, comandada à época por Fortunato.

Ontem pela manhã, Lula admitiu publicamente pela primeira vez a intenção de promover mudanças na Abin. Em entrevista à CBN Recife, disse que, se ficasse provado que Moretti favoreceu investigações da PF e manteve relações com o deputado federal Alexandre Ramagem (PL-RJ), diretor da Abin no governo passado, não haveria "clima" para ele permanecer no órgão.

A PF delatou uma operação para investigar o suposto aparelhamento político da agência de inteligência e o monitoramento de adversários do ex-presidente Jair Bolsonaro por meio da ferramenta de geolocalização First Mile.

Na mesma entrevista, Lula afirmou ter "muita confiança" em Luiz Fernando Corrêa. Delegado da PF, ele implantou e comandou a Força Nacional de Segurança no primeiro governo do petista, no segundo mandato, foi diretor-geral da Polícia Federal.

— Esse companheiro montou a equipe dele. Dentro da equipe dele tinha um cidadão, que é o que está sendo acusado, que mantém relação com o (Alexandre) Ramagem, que é o ex-diretor da Abin do governo passado. Inclusive, relação que permaneceu já durante o trabalho dele na Abin. Se isso for verdade, e está sendo provado, não há clima para esse cidadão continuar na polícia — respondeu o presidente, ao ser questionado se estava "seguro" com a Abin atual.



Ata. Lula havia afirmado pela manhã, que se ficasse provado que Moretti favoreceu investigações pela PF, não haveria "clima" para ele permanecer na Abin.

TURBULÊNCIAS

EXONERAÇÕES ANTERIORES

Número 3 da Abin
Em outubro do ano passado, o governo exonerou o número 3 da Abin, Paulo Maurício Fortunato, em meio a uma investigação da PF sobre uso de programa espião.



Devassa no GSI
O ministro interno do GSI, Ricardo Capelli, exonerou em abril do ano passado 87 servidores, entre eles três secretários nacionais, em devassa promovida após os ataques golpistas de 8 de janeiro.

MOVIMENTAÇÕES ATÍPICAS

Suspeita de conluio
A Polícia Federal aponta que o número 2 da Abin, Alessandro Moretti, teria realizado uma reunião em 28 de março do ano passado com os investigados por suposto memorando ilegal, quando disse que o procedimento seria "lento por isso e iria passar".

Celular e computador da Abin

Um notebook e um celular da Abin foram encontrados, na semana passada, com o deputado federal Alexandre Ramagem (PL-RJ), apesar de ele não ter mais ligação com o órgão, do qual foi diretor entre 2019 e 2022.

Reunião fora do agenda

O diretor-geral da Abin, Luiz Fernando Corrêa, teve uma reunião fora da agenda, em junho do ano passado, com Ramagem.

Informações sobre inquérito

A PF identificou uma mensagem enviada por um assessor de Carlos Bolsonaro pedindo informações sobre um inquérito "envolvendo PR e 3 Bilhões" em possível referência ao ex-presidente Jair Bolsonaro. O texto foi mandado para Ramagem.



"Dentro da equipe dele (Luiz Fernando Corrêa) tinha um cidadão, que é o que está sendo acusado, que mantém relação com o (Alexandre) Ramagem, que é o ex-diretor da Abin do governo passado. Inclusive, relação que permaneceu já durante o trabalho dele na Abin. Se isso for verdade, e está sendo provado, não há clima para esse cidadão continuar na polícia"

Presidente Lula, em entrevista pela manhã

Em relatório apresentado ao ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF), a Polícia Federal cita que um suposto conluio entre investigados por monitoramento ilegal e atual gestão da Abin causou prejuízo para a apuração dos fatos.

No documento, a PF aponta que "as ações realizadas pela atual gestão atual se mostram prejudiciais à investigação posto que transparecem aos investigados realidade distinta dos fatos". A PF cita ainda trechos de depoimentos que afirmam que a DGI, referência à Diretoria-Geral, teria convencido os servidores de que "há apoio lá de cima".

A Polícia Federal sustenta que Moretti teria realizado uma reunião com os investigados, quando disse que o procedimento teria "fundo político e iria passar". As declarações, afirma a PF, teriam sido dadas na presença de Luiz Fernando Corrêa, que ainda não tinha assumido o comando da Abin.

A reunião ocorreu em 28 de março do ano passado, duas semanas após o GLOBO revelar a existência do First Mile, sistema capaz de monitorar a localização de celulares.

A Abin nega qualquer interferência e diz que "é a maior interessada na apuração dos fatos e que continuará a colaborar com as investigações".

REUNIÃO COM RAMAGEM

O próprio Luiz Fernando Corrêa teve uma reunião em junho do ano passado com Ramagem, investigado pela PF por suspeita de integrar uma organização criminosa que realizava o monitoramento ilegal de pessoas durante a gestão Bolsonaro. Na época dos fatos investigados, entre 2019 e 2021, ele chefiava a Abin.

A reunião é confirmada pela agência, que alega que o encontro não foi secreto, apesar de não constar na agenda do diretor-geral. Na agenda pública de Corrêa, consta apenas que ele faria "despachos internos" no dia 16 de junho, data em que ele se reuniu com Ramagem, e não há qualquer referência ao deputado.

Conforme a Abin, a reunião foi solicitada por Ramagem, e foi marcada pelo fato de o deputado integrar a Comissão Mista de Controle das Atividades de Inteligência (CCAI) do Congresso Nacional, grupo responsável pelo controle externo da agência. "A visita foi protocolada", alega a agência.

A Abin diz, ainda, que a reunião estava na agenda interna do diretor. O encontro foi divulgado pelo portal "Metrópoles" no ano passado.

Na semana passada, Ramagem foi alvo de busca e apreensão no âmbito desse inquérito. Um notebook e um celular da Abin foram encontrados com ele, apesar de não ter mais ligação com o órgão.

CRISTINA DE ALMEIDA